

O demonstrativo e seus usos

Mônica Magalhães Cavalcante

Resumo

Este trabalho sugere que o ensino dos demonstrativos deixe de centrar-se em normas prescritivas e se volte para a funcionalidade dos variados empregos desses pronomes. Discutiremos que, não importa o campo dêitico em que se estabelece a mostração, a oposição em português, quando ocorre, não é ternária, mas geralmente binária, a despeito do que consta no esquema de descrição das gramáticas tradicionais. Paralelamente, argumentaremos que a seleção é determinada por motivações diferentes e concorrentes, o que também repercute na aparente flutuação das normas de uso.

Palavras-chave

- Língua portuguesa - demonstrativos;
- Sistema binário;
- Demonstrativos.

Professora do Departamento de
Letras Vernáculas da Universidade
Federal do Ceará UFC. Doutora em
Linguística UFPE.

1 Introdução

Nas gramáticas tradicionais, os pronomes demonstrativos são apresentados, mais ou menos consensualmente, como as palavras que situam os objetos designados em relação às três pessoas do discurso (Cf. LIMA, 1982; CEGALLA, 1985; CUNHA e CINTRA, 1985, dentre outros). Em português, a distribuição desses pronomes se daria segundo três valores de distância:

- . **Próximo**, para os referentes perto do emissor;
- . **Médio**, para os referentes bem próximos do receptor e mais ou menos perto do emissor;
- . **Distante**, para os que se acham longe dos interlocutores.

Neste artigo, mostraremos que as normas que prescrevem os usos do demonstrativo baseiam-se no sistema ternário acima descrito, sem levar em conta que: a) ele se restringe ao campo dêitico situacional, e que nem sempre tais pronomes apontam para o espaço extralingüístico; b) mesmo no ambiente físico real, os demonstrativos contrastam quase sempre de modo binário; e c) os traços estilisticamente motivados, que também determinam escolhas, não deixam de pressupor, muitas vezes, outras motivações.

2 Foricidade e deiticidade nas prescrições de uso

Afirmam as gramáticas tradicionais que a indicação de localização realizada pelo demonstrativo pode estabelecer-se a partir de um referencial no espaço, no tempo ou no discurso, conforme respectivamente exemplificadas abaixo:

- (1) “Aquilo que Dario está levando não é dele.” (CEGALLA, 1985. p.153)
- (2) “Este ano (isto é, o ano corrente) tem sido feliz para nós.” (LIMA, 1982; p.102)
- (3) “O sono ou a vigília, que me importa esta ou aquele?” (BUENO, [19--], p.148)

As normas que regulam o emprego “correto” do demonstrativo e orientam, conseqüentemente, manuais didáticos, provas de concurso e correção de redações permanecem ainda atadas à correlação acima, malgrado o reconhecimento dos próprios gramáticos de que nem sempre as distinções se fazem de modo rigoroso:

Há, portanto, estreita relação entre eu e este, tu e esse, ele e aquele, da mesma forma que entre os pronomes pessoais e os possessivos.

Esta é a norma geral. Veremos, mais tarde, que nem sempre os demonstrativos se usam com essa rigidez. (LIMA, 1982, p.101)

Com efeito, abundam situações em que se dissipa a fronteira entre *este/esse*, *isto/isso*, não importa que seja numa dimensão exofórica ou endofórica. Assim, paralelamente a (4) e (5), tem-se frequentemente (6) e (7), numa desconsideração do espaço ou do tempo do falante, respectivamente:

- (4) “Eu tardiamente estou retornando esta carta com notícias daqui e também com fotos, não ficaram tão boas mas dá para guardar de lembrança.” (carta pessoal)
- (5) “Explicando: esse mês de junho [em referência ao mês em curso] foi uma loucura total, então foi ótimo eu ter recebido a carta.” (carta pessoal)
- (6) Inf.1 é um rapaz:: que::... num faz parte de movimento de IGREja... e /tá intereSSAdo em fazer na casa Dele um Natal diferente... e pediu... não uma espécie de jogral... mas uma encenação... e eu então encontrei aqui nessa revista... (D2-39 – PORCUFORT¹)
- (7) “Este mês [= no mês corrente] não houve novidades.” (BECHARA, 1999, p. 188)

Veja-se que (5) e (7) refletem a coincidência do tempo do acontecimento descrito com o “tempo de formulação” conforme Filmore (1997); a despeito da proximidade do referente em relação à enunciação do falante, emprega-se indiferentemente *este* ou *esse*. De modo semelhante, em (4) e (6), *esta* e *essa* situam cada objeto em relação ao espaço físico do enunciador, expressando ambos idéia de proximidade.

Dois valores semântico-pragmáticos, que estão arraigados à definição dos demonstrativos, intervêm no processo de seleção, como bem observa Castilho (1993): a foricidade e a dêixis. Os demonstrativos são fóricos por sua capacidade de recuperar conteúdos no contexto ou na situação extralingüística. Ao mesmo tempo, são dêíticos porque correlacionam o enunciado com as coordenadas da enunciação. Quando se define, pois, um elemento por sua propriedade de pressupor uma dessas coordenadas,

como a de ligar-se às pessoas do discurso, ou de referir-se ao tempo/espaço dos interlocutores, está-se ressaltando seu caráter dêitico.

A deiticidade não se descreve meramente por sua natureza ostensiva; assumiremos que um dêitico toma sempre como referencial o ponto de origem do falante, ou do seu interlocutor em relação a ele. É isso que, segundo Benveniste (1988), particulariza os dêíticos como “indicadores de subjetividade”.

Queremos mostrar que é exatamente o traço de deiticidade - pelo qual estão associados os parâmetros de proximidade/distância e de pessoa - que norteia a distribuição dos demonstrativos em um sistema ternário e que guia, conseqüentemente, as prescrições de uso desses elementos a partir do seguinte quadro descritivo:

Quadro descritivo dos demonstrativos em português

Pronomes Substantivos/Adjetivos Demonstrativos		
Pessoa	Masc./Fem.	Neutro
1ª. pessoa (<i>Próximo</i>)	Este,a(s)	isto
2ª. pessoa (<i>Médio</i>)	Esse,a(s)	isso
3ª. pessoa (<i>Distante</i>)	Aquele,a(s)	aquilo

Entenda-se, pelo quadro, que é o critério de localização², baseado na intersubjetividade (por sua vez, expressa pela categoria de pessoa), que normatiza, portanto, o uso acima, circunscrito ao entorno situacional.

Isso revela que o português, diferentemente de outras línguas, como o japonês, por exemplo, é orientado pela distância na organização dos demonstrativos como um sistema ternário. Leia-se o que diz, sobre isso, Diessel (1999, p.39) (apud Jungbluth, 2001, p.39).

Turning to languages with three deictic terms, one has to distinguish between systems in which the middle term refers to a location in medial distance relative to the deictic center, and systems in which the middle term denotes a referent close to the hearer. Anderson and Keenan (1985: p. 282-286) refer to these two systems as distance-oriented and person-oriented systems, respectively (...). Spanish., for instance, has

a distance-oriented system, consisting of the demonstratives *este* ‘proximal’, *esse* ‘medial’ and *aquel* ‘distal’ (Anderson; Keenan, 1985, p. 283-5), while Japanese has a person-oriented system, in which the middle terms (based on the deictic root *so-*) refer to a location near the hearer: *sore* ‘that (near hearer)’, *soko* ‘there (near hearer)’ etc.”

Já a foricidade, que deveria ser melhor designada como *referencialidade*, aparece como um traço secundário, mas sempre subjacente, que, embora não se sobressaia na definição dos demonstrativos, existe de forma pressuposta cada vez que se afirma que esses pronomes “se referem a objetos...”.

O caráter posicional expresso pelo demonstrativo integra, pois, sua própria conceituação: sinaliza para uma localização, quer seja no espaço ou no tempo real de fala, como em (8), quer seja na linearidade do espaço físico textual, como em (9), quer seja no âmbito da memória comum, como em (10), quer seja no contexto discursivo (incluindo, além do cotexto, os aspectos sócio-culturais envolvidos), como em (11).

- (8) “O Ceará, onde prometeram acabar com a miséria, o governo das ‘mudanças’, nestes dezesseis anos, só viu foi agravar-se a pobreza.” (editorial de jornal)
- (9) “Entretanto, ao contrário do que ocorreu nessa primeira experiência, os vídeos, como os imaginamos, não devem ser simples registros, mas sim novas obras de arte, criadas a partir dos espetáculos, a exemplo do que já se fez, entre outros casos, com os balés ‘Giselle’ e ‘Dom Quixote’, este a partir da famosa coreografia de Marius Petipas”. (E040 – relatório técnico – NELFE³)
- (10) “Segundo ele, o simples fato de o povo brasileiro dizer o que pensa sobre a dívida externa e seus elevados e inexplicáveis encargos será suficiente para despertar a ira do sistema financeiro internacional, que passaria a cobrar juros ainda mais altos sobre a dívida brasileira. É aquela posição subumana do condenado que prefere omitir-se sobre a injustiça da pena que lhe foi imposta, por temor de que a simples discussão possa agravá-la ainda mais.” (editorial de jornal)
- (11) “É possível estabelecer um controle externo para evitar os excessos da mídia sem que isso leve às desastrosas práticas de

censura política que o país conheceu durante a ditadura?” (editorial de revista)

Apresentamos, em trabalho anterior (ver Cavalcante, 2000), uma proposta de organização dos dêiticos (dentre eles, os demonstrativos) de acordo com o campo mostrativo em que se verifica a indicação. Distinguímos, então, quatro localizações possíveis:

- . no espaço físico real da comunicação (ex. 8);
- . no conhecimento compartilhado (ex. 9);
- . no espaço físico do texto (ex. 10);
- . no contexto (ex. 11).

Na mesma medida, o caráter referencial está implicado na definição dos demonstrativos, uma vez que identificar um elemento num *universo mostrado* (Cf. DUCROT, 1977) é referir-se a ele, pressupondo-lhe necessariamente a existência. Desse modo, nos quatro exemplos anteriores, o demonstrativo executa sempre uma operação referencial de remissão a um objeto construído no universo discursivo.

O fato patente, no entanto, e reconhecido pelas próprias gramáticas tradicionais (ver citação abaixo), é que há tanta flutuação nas normas que regulam a seleção desses pronomes que nos perguntamos até que ponto é cabível sustentar ainda alguma regra fixa de uso:

Estas idéias que nos oferece o sistema ternário dos demonstrativos em português não são, porém, rigorosamente obedecidas na prática.

Com freqüência, na linguagem animada, nos transportamos pelo pensamento a regiões ou a épocas distantes, a fim de nos referirmos a pessoas ou a objetos **que nos interessam particularmente, como se estivéssemos em sua presença**. Linguisticamente, esta aproximação mental traduz-se pelo emprego do pronome este (esta, isto) onde seria de esperar esse ou aquele. (CUNHA; CINTRA, 1985, p.322)

Mencionam os autores exemplos como (12), em que, a julgar pelo ponto de origem do enunciador, seria de se esperar o emprego de *aqueles*, considerando-se a distância do referente no espaço real de comunicação.

- (12) “Eu só queria estar lá para receber estes cachorros a chicote”
(CUNHA; CINTRA, 1985, p. 322).

Note-se que a presença do advérbio *lá* confirma o distanciamento físico do objeto e abre uma expectativa de emprego do pronome de terceira pessoa. Mas um outro fator, de ordem subjetiva, se sobrepõe ao do espaço situacional, determinando o uso da primeira pessoa, com o propósito de imprimir ao referente um valor depreciativo.

Ocorrências assim poderiam conduzir ao julgamento precipitado de que as regularidades se desfazem ante os valores estilísticos que se deseja introduzir no enunciado. Lima (1982, p. 294) caminha nessa direção quando afirma que “não há, entretanto, muito rigor na distinção de *isto* e *isso*, em virtude da predominância dos seus valores estilísticos sobre os seus valores gramaticais”. Os traços de afetividade são, na verdade, apenas um dos fatores que entram em competição na escolha do demonstrativo.

Para refletir sobre os variados empregos dos demonstrativos e sobre as relações de sentido que eles ajudam a construir, começaremos questionando a idéia de que as três formas que constituem o paradigma gramatical de tais pronomes contrastem todas num mesmo plano, em termos de função no discurso.

3 Oposições funcionalmente binárias e neutralizações

Conquanto o português apresente um sistema tripartido, alinhado às três pessoas do discurso, temos observado que os demonstrativos, quando se opõem funcionalmente, fazem-no de modo binário. É o que explicitaremos a seguir, em relação a cada um dos fatores condicionantes.

3.1 Demonstrativos que remetem ao espaço/tempo extralingüístico

Tudo leva a crer que o contraste entre *este/esse* (e variantes) remetendo ao eixo mostrativo situacional vem se neutralizando há algum tempo. Devemos ressaltar, porém, que existe uma prevalência de *esse* sobre *este*, atestada desde Câmara Jr. (1975), e, hoje, já confirmada por diversos estudos conforme Marcuschi (1997) e Castilho (1993), dentre outros. Duas explicações, não mutuamente excludentes, poderiam ser atribuídas a esse fenômeno. Primeiro: em muitos contextos discursivos, a mera oposição entre *próximo* e *distante* dos participantes parece bastar-se, não interessando a indicação de um ponto *medial*, que assinalaria a posição do ouvinte. Neste caso, então, o con-

a posição do ouvinte. Neste caso, então, o contraste se estabeleceria, funcionalmente, entre as formas *este* ou *esse*, de um lado, e *aquele*, de outro. Assim, em exemplos como (13), para os propósitos comunicativos postos em prática no ato de fala, é indiferente o uso de *este* ou *esse*:

- (13) “venha ouvir este... GRANDe violinista” (D2-48 - conversa espontânea - PORCUFORT)

Segundo: em certas circunstâncias, o falante deseja, ao contrário da situação anterior, precisar o local do referente e reconhece funcionalmente os três pontos de localização: *próximo*, *médio* e *distante*. No entanto, sabendo, de modo intuitivo, ser freqüente a neutralização entre as formas de primeira e segunda pessoa, recorre ao reforço dos pronomes circunstanciais, para fazer aflorar a distinção ternária. Conforme Bechara (1999, p.190) comenta, “a necessidade de avivar a situação dos objetos e pessoas de que trata leva o falante a reforçar os demonstrativos com os advérbios dêiticos *aqui*, *aí*, *ali*, *acolá*: *este aqui*, *esse aí*, *aquele ali* ou *acolã*”.

O reforço poderia também ser dado pela entonação, que teria a função de marcar o lugar exato, consoante Neves (2000, p.505) observa no seguinte exemplo:

- (14) “Por que sorria era algo que eu precisava esclarecer, mas não NAQUELE momento. (=não naquele exato momento)”.

É preciso, no entanto, atentar para o fato de que a entonação não teria poder distintivo em caso de emprego do pronome de primeira ou de segunda pessoa. Assim, num exemplo como:

- (15) “É algo que eu preciso esclarecer, mas não NESTE/NESSE momento”,

O traço prosódico não seria suficiente para decidir a proximidade em relação ao falante ou ao ouvinte. A oposição continuaria, pois, sendo binária.

Observe-se que o ponto de referência do falante, nos exemplos (16) e (17), citados por Neves, é demarcado, na verdade, pela presença do advérbio:

- (16) “Tenho tudo que quero, brinquedos, roupas... – Puxou a manga do casaco: - este aqui meu pai comprou ontem.” (NEVES, 2000, p.499)

- (17) “Esse pessoal daqui fala demais.” (NEVES, 2000, p.501)

A autora argumenta que, nesses usos exofóricos do demonstrativo como referenciadores situacionais, a neutralização dos pronomes de primeira e segunda pessoa se deve, como em (17), ao compartilhamento do mesmo espaço pelos interlocutores: “O lugar pode, entretanto, ser um *AQUI* compartilhado entre as duas pessoas do discurso, caso em que *ESTE* e *ESSE* podem, praticamente, alternar-se” (NEVES, 2000, p. 501).

Não negamos que a alternância ocorra em virtude de uma noção de espaço comum em casos específicos como (17), mas deve-se admitir que enunciados como (18) também são demasiado frequentes:

(18) “Inf.1 aí t/ aí comé que diz::?...com/é que diz nesta outra revista sobre o silêncio?...”

Inf.2 nessa daqui é o seguinte ‘o exercício do silêncio é tão importante... quanto a prática da palavra’...” (D2-39 - conversa espontânea - PORCUFORT)

Diferentemente de (17), aqui se marca com nitidez a proximidade do objeto em relação ao falante, apesar do emprego da segunda pessoa *esse*. Vale dizer, ainda, que, em menor escala, o quadro inverso pode se dar, como em (19), o que corrobora a hipótese da neutralização entre as duas formas:

(19) “O menino chegou todo ensangüentado, aí mesmo *NESTE* lugar onde tu estás.” (NEVES, 2000, p. 500)

Com o pronome de terceira pessoa, porém, o circunstancial não tem função distintiva; opera simplesmente como uma ênfase, precisando o local exato, às vezes com acompanhamento gestual; ou talvez até se realize por influência do paralelismo formal com *este aqui*, *esse aqui/aí*. Confira-se o exemplo (20):

(20) “Pega *AQUELA* malinha ali de executivo.” (NEVES, 2000, p.502)

Os exofóricos *este/esse* (e variações), quando referidos à noção de tempo, relativizam-se ainda mais. Assim, embora as normas prescrevam que o emprego do demonstrativo de primeira pessoa está atrelado à referência ao período de tempo que inclui o momento de fala, a intercambialidade com a segunda pessoa é fato corriqueiro. Bechara assim o confirma:

Se o tempo passado ou vindouro está relativamente próximo do momento em que se fala, pode-se fazer uso de este, em algumas expressões:

Esta noite (=a noite passada) tive um sonho belíssimo.

Porém, com a mesma linguagem esta noite poderíamos indicar a noite vindoura. Outro exemplo:

Meu caro Barbosa:

Deves ter admirado o meu silêncio destes quinze dias, silêncio para ti, e silêncio para o jornal. (BECHARA, 1999, p.188)

Tanto *este* quanto *esse*, além de remeterem ao “tempo de formulação”, podem ambos, como vemos, se estender também a um passado ou futuro próximos⁴, tal como comprovam os seguintes exemplos:

(21) “pois é D. eu /tava... éh engraçado... Esse fim de mê/... esse fim de Ano... as festas /tão se assim atropelando... aqui na iGREja no Bom Pastor nós temos no dia sete pela maNHÃ... a festa da::do:: das BOdas de::: PRAta do padre... capelão (D2-39 - PORCUFORT)

(22) “todos os candidatos eu fazia questão de NÃO ME ... não me envolver não me envolver né?... com um candidato... embora EU... como:... votante como::: eleitora... eu votasse no Lula... e votei... MAS... não:: isso aí num... por exemplo agora dessa vez eu num votei no Lula” (D2-39 – PORCUFORT)

Em (21), conforme se percebe, existe uma indicação de futuridade, ainda que haja, aqui, uma inclusão do presente, depreensível pelo aspecto verbal da forma perifrástica “tão se atropelando”. Em (22), há uma referência clara a um período de eleições recentemente transcorrido.

Estilisticamente, o emprego do *este* pode constituir um recurso expressivo muito eficiente: ele conota uma ligação afetiva mais direta com o enunciador, ou delimitando mais acentuadamente o lugar próximo do referente quanto ao tempo/espço do falante (muitas vezes, representando uma relação corporal com ele, como observa Neves, 2000), ou exprimindo algum tipo de envolvimento emocional. Os exemplos (23) e (24) podem aplicar-se, respectivamente, a esses casos:

(23) “Atenção: nada nESTA mão, nada na outra.”²⁴ (NEVES, 2000,p.499).

- (24) “Inf.1 {aí mas é tudo isto então essa essa revista você tem lido a revista? eu mando pra você eu mando pra:: (...) PRA E... e mando para o P. o P. eu sei que ele lê porque ele me dá notícias ele diz “Olha tem este... esse arTigo é muito BOM:: eu já li::...{e:: (...) eu acho que ele trabalha vinte e quatro horas por dia...ou quarenta e oito num sei... eu sei que o:: tempo dele dá e ainda dá pra::... pra fazer parte da iGREja e:: fazer a a... a leitura desta desta reVISta...” (D2-39 – PORCUFORT)

Até este ponto, o importante, em primeiro lugar, é compreender que, em usos como (21) e (22), o contraste entre *este* e *esse* se perde. Em segundo lugar, é preciso observar que a oposição binária que se estabelece com o *aquele*, nestes casos de remissão temporal, ocorre muito mais num plano teórico, de vez que só raramente se apela para a terceira pessoa como referência a um passado longínquo. Cite-se o exemplo de Lima (1982, p. 294), inspirado em trechos bíblicos:

- (25) “Naquele tempo, dizia Jesus a seus apóstolos...”

Existe, todavia, um uso do demonstrativo de terceira pessoa, motivado pelo conhecimento compartilhado (ver item 3.2 a seguir), que constrói remissões claras a um tempo passado.

Não podemos esquecer, no entanto, que o *aquele* (e variantes) mantém a oposição funcional com relação a *este/esse* quando representa um dos expedientes para expressão do tempo narrado. Conforme Neves (2000, p. 504): “o jogo entre as oposições indicadas pelos diferentes demonstrativos é aproveitado no jogo entre discurso direto, discurso indireto e discurso indireto livre”. Atente-se para estes usos em:

- (26) “Trabalhava o roçado em companhia do filho, até o dia em que a cobra, em mudança de pele, cega, muito veneno nas presas, picou o rapaz perto do buraco do antigo formigueiro sob a oitica, única mancha permanente verde naquele mundo de cinzas.” (conto – Moreira Campos)
- (27) “O mar revolvía-se forte e, quando as ondas quebravam junto às pedras, a espuma salgada salpicava-a toda. Ficou um momento pensando se aquele trecho seria fundo, porque tornava-se impossível adivinhar: as águas escuras, sombrias, tanto poderiam estar a centímetros da areia quanto esconder o infinito. Resolveu tentar

de novo aquela brincadeira, agora que estava livre. Bastava olhar demoradamente para dentro d'água e pensar que aquele mundo não tinha fim.” (conto – Clarice Lispector)

3.2 Demonstrativos que remetem ao conhecimento compartilhado

Os demonstrativos, por vezes, são empregados para evocar um referente situado ou num conhecimento específico compartilhado pelos interlocutores, ou na memória cultural das pessoas. Apothéloz (1995) considera tais usos do demonstrativo como uma espécie de “dêixis de memória”. O processo referencial se dá na ausência do objeto discursivo, e o propósito do falante é colocá-lo em foco, dando ao destinatário a impressão de que se trata de uma informação dada, imediatamente acessível e tão evidente que deveria ser formalizada por um mostrativo.

Em Cavalcante (2000), constatamos que dois demonstrativos se prestam à remissão ao conhecimento comum: *esse* e *aquela* (e variantes). Cremos que o emprego do pronome de primeira pessoa *este* só se verificaria se entrasse em concorrência uma motivação estilística, que revelasse o envolvimento do falante com o objeto referido, mas, neste caso, seria um condicionamento a mais, cumulativo, que não se oporia a *esse*.

Observem-se os dois usos abaixo constantes do mesmo exemplo:

- (28) “Inf.2 então a idade ideal pra você começar...PAGAR o INPS...é com vinte ano de idade porque... aí você se aposenta eXAtamente com sessenta...porque você completa QUAREnta de contribuições...e sessenta de idade

Inf.1 mas eu tenho impressão A que essa reforma da previdência...ela vai...sofrer muita pressão viu?...o próprio Congresso...a proposta é do governo Executivo né?...a::reforma... mas o Congresso ele talvez modifique né? a...{a reforma

Inf.2 mas olha se você olhar bem... / ela só vai atingir aquela classe de aposentadoria especial... porque a aposentadoria comum exige trinta e cinco ano de ser{viço” (D2-45 – PORCUFORT)

Queremos argumentar que, entre as duas ocorrências – de *esse* e *aquela* -, não existe oposição funcional dentro de um sistema binário, se considerarmos apenas a remissão ao conhecimento compartilhado. Na ver-

dade, *aquela* contrasta com *esse*, mas num âmbito diferente, que não no campo mostrativo da memória. Assim, no exemplo seguinte, o demonstrativo de terceira pessoa resgata um ponto distante no tempo real de comunicação e apresenta, portanto, também uma motivação situacional⁵:

(29) “e eu Acho que isso me dificultou muito aquela... esquemia cerebral que eu tive... o ano passado estava quase há um ano... aquilo também me prejudicou MUITO...” (D2-39 – PORCUFORT)

Conforme já afirmáramos antes:

Mas há, aqui, uma diferença importante: *esse* não carrega o traço de distância do tempo de referência, de maneira que a escolha da forma parece guiar-se principalmente pela intenção do falante em apresentar como conhecida uma informação que sabe ser compartilhada pelo destinatário.

Neste sentido, é lícito afirmar que o pronome demonstrativo de segunda pessoa é muito mais genuinamente condicionado pelo saber compartilhado do que o de terceira, pois este acumula, ainda, uma idéia de afastamento físico do ponto zero do falante, pressupondo um elo extralingüístico. (Cf. CAVALCANTE, 2000; p. 123)

Diremos, então, que os demonstrativos de apelo à memória comum não contrastam, funcionalmente, em nenhum sistema, nem ternário nem binário; quando há oposição entre *esse* e *aquela*, ela se estabelece em outro campo mostrativo, a partir da remissão ao passado, tomando como referência o tempo de formulação, e sendo, por isso, fisicamente motivada.

3.3 Demonstrativos que remetem ao espaço físico do texto

Os demonstrativos que indicam pontos fixos de localização do referente no cotexto são, por vezes, tratados na literatura como *dêiticos textuais*. Trata-se de elementos que designam o lugar ou o momento do texto em que se posiciona o objeto referido. Essa espécie de indicação é executada de modo mais eficiente não por demonstrativos, mas por expressões circunstanciais do tipo *acima*, *abaixo*, *antes*, *anteriormente*, ou por outros elementos que cumprem a mesma função, como *a seguir*,

o *x seguinte*, o *último x*, o *primeiro x*, etc. A descrição semântica dessas formas permite-lhes fixar com precisão o endereço do objeto discursivo no texto, sempre que for interesse do falante conduzir o olhar do destinatário para pontos exatos do cotexto.

Somente um emprego anafórico dos demonstrativos exerce papel similar: o que assenta no contraste entre *este* e *aquele*. O fenômeno, que é atestado pelas gramáticas tradicionais, remonta ao latim e manifesta-se igualmente em outras línguas, como lembra Lyons (1977, p. 667):

Em latim, o demonstrativo distal ‘ille’ (‘that’) é usado anaforicamente para se referir ao referente mais distante dos dois antecedentes possíveis, e o demonstrativo ‘hic’ (‘this’), para se referir ao referente mais próximo dos dois antecedentes possíveis; e podem freqüentemente ser traduzidos (para um inglês mais afetado) como ‘o primeiro’ e ‘o último’, respectivamente. O mesmo é verdade para o alemão ‘jener’: ‘dieser’; para o espanhol ‘ése’ (‘aquele’): ‘éste’; para o francês ‘celui-là’: ‘celui-ci’, e assim por diante. É a noção de proximidade relativa no cotexto ao momento do enunciado que conecta a anáfora e a dêixis textual com a referência temporal; e é o princípio mais geral de localização que relaciona a referência temporal, em muitas línguas pelo menos, com a noção mais básica de dêixis espacial.

O par contrastivo *este/aquele* tem uso esporádico e só ocorre com as duas formas realizadas em textos escritos. Nesse caso, têm o propósito de desfazer ambigüidades referenciais, como em (30):

- (30) Gosto de Pedro e de Maria: esta é gentil, aquele muito serviçal.”
(LUFT, 1985, p. 119)

Nem sempre, porém, os dois pronomes se manifestam explicitamente no cotexto. Evidentemente, se o falante quer se reportar a apenas um dos referentes mencionados, não terá necessidade de se referir ao outro. Isso explica ocorrências como:

- (31) “Entretanto, existem dois outros locais que devem ser mencionados aqui, se bem que não se trate, neles, do estabelecimento de Ilumiaras, pois são tombados: o Morro dos Guararapes e o das Tabocas, este² situado em Vitória de Santo Antão.” (E040 - relatório técnico - NELFE)

- (32) “Nessa sala ficavam homens esperando o ajantarado e depois deste as senhoras, enquanto AQUELES jogavam na sala de jantar.” (NEVES, 2000, p. 503)

É preciso sublinhar, no entanto, que ocorrências como (32), em que fica subjacente o contraste entre *este* e *aquele* remetendo à linearidade textual, são muito raras. Há uma nítida preferência pelo *este* nesses casos de desambiguação, em parte pela capacidade dêitica de focalizar, mais acentuada nos pronomes de primeira pessoa; em parte pela possibilidade de interferência do traço dêitico de distância física real, muito forte nos demonstrativos de terceira pessoa. Por essa razão, nem sempre se tem muito clara no enunciado a oposição entre *este* e *aquele*. Em certos usos do *este*, entra em concorrência com a assinalação do espaço físico do texto a motivação contextual da refocalização, como em:

- (33) “Conforme observa Lahud (1979), a disparidade semântica que separa os elementos tradicionalmente agrupados na categoria de pessoa é o passo determinante da construção da noção de dêixis em Benveniste. Aprofundando as conclusões deste autor, Lahud demonstra como a ruptura na categoria tradicional de pessoa repercute na separação entre as classes de dêiticos e anafóricos.” (CAVALCANTE, 2000, p. 21)

Outros empregos do demonstrativo de primeira pessoa definem o local do referente na linearidade textual, mas também não preservam o contraste com o pronome de terceira pessoa. Trata-se do *este* como sinalizador de função catafórica, que, justamente por não manter a oposição, é intercambiável com *esse*. Comparem-se os exemplos a seguir:

- (34) “Veja-se este exemplo de um sindicalista comentando os serviços do sindicato: (...)” (artigo científico)
- (35) “ESSE trecho pode mostrar: o povo, que apóia a Revolução.” (Neves, 2000, p. 497)

Exemplos como (33), (34) e (35) aproximam-se bastante dos usos em que prevalece a motivação contextual, conforme mostraremos no item seguinte.

3.4 Demonstrativos que remetem ao contexto

Ao contrário dos demonstrativos que remetem ao espaço físico textual, os que são contextualmente motivados apenas indicam ao interlocutor a área do discurso onde o referente pode ser resgatado, sem precisar em que lugar exato do texto. Aqui, o pronome funciona como uma mera instrução de busca retroativa (às vezes, simultaneamente prospectiva) no contexto. Dilui-se, neste caso, qualquer pressuposição de proximidade/distância do falante a partir da instância enunciativa real, o que reduz grandemente a deiticidade de tais pronomes. Assim sendo, não contrastando funcionalmente no sistema binário, que toma por parâmetro as pessoas do discurso, *essa* e *esta* terminam sendo perfeitamente permutáveis. O único traço que os diferencia dos anafóricos comuns é que eles chamam a atenção do destinatário para a entidade referida.

Repare-se, no exemplo (36), que o demonstrativo de determinação contextual sublinhado comuta com *estas* sem nenhum dano estritamente semântico:

- (36) “Na realização deste estudo, com vistas a estabelecer a caracterização e distinção entre língua oral e língua escrita, propus atividades impulsionadoras da produção oral e escrita do aluno. O primeiro cuidado foi não incorrer em análises centradas em textos representativos dos pólos extremos de cada uma dessas modalidades”. (artigo científico)

A referenciação anafórica - é importante notar - não se alteraria com a substituição por *estas*. Em termos pragmático-discursivos, porém, o grau de saliência do referente aumentaria, pois a primeira pessoa tem sempre maior poder de refocalização.

Os demonstrativos contextuais podem executar, ainda sem oposição binária, outro tipo de processo referencial, que não apenas o anafórico. Ordinariamente, funcionam também como dêiticos discursivos, encapsulando porções discursivas de extensões variadas, como em:

- (37) “A grande quantidade de pesquisas recentes em gêneros textuais (Swales, 1990, 1992; ADAM, 1987, 1992) e novas reflexões em torno dos modos de estruturação de conteúdos mentais (LAKOFF, 1987, 1988; VARELA, THOMPSON; ROSCH, 1993; SEARLE, 1997), contudo, possibilitam uma reavaliação do con-

ceito. O presente trabalho, assim, repensa a concepção de superestrutura, atendo-se a estas discussões.” (resumo acadêmico)

- (38) “Os marcadores foram empregados com freqüência tanto nas ENIs orais quanto escritas. Esse emprego reiterou a aproximação da L.O. com L.E.” (artigo científico)

Atente-se para o fato de que, enquanto o anafórico em (36) retoma referentes pontuais (“língua oral e língua escrita”), as expressões com demonstrativo em (37) e (38) não retomam nenhum objeto discursivo, e sim, instituem um novo referente no discurso, que sumariza informações difusas.

Castilho (dentre outros) já descrevera a função referencial do demonstrativo operando como pró-sentença: “um aspecto interessante desta subclasse, especialmente no que diz respeito a *isso*, é a sua propriedade de apanhar toda uma S, e não apenas um constituinte da S” (CASTILHO, 1993, p. 136). O autor sugere, como se vê, a maior freqüência com que o pronome *isso* aparece nos textos exercendo essa função resumidora. Em Cavalcante (2000), constatamos, com base em dados quantitativos, que os dêiticos discursivos são manifestados predominantemente pelos demonstrativos neutros de segunda pessoa⁷.

De acordo com Castilho (1993, p.134), certos usos anafóricos e situacionais do demonstrativo servem ainda para reforçar repetições na fala: “Se a repetição é um traço gramatical da língua falada, como hipotetizei em Castilho (1990), pode-se afirmar com segurança que os Mostrativos exemplificam bem esse traço”. Essas repetições ocorrem também na escrita, mas sob outra feição, como em construções apositivas, conforme exemplifica Neves:

- (39) “Evidentemente essa concepção baseada sobre o mecanismo das oxidações biológicas, como eram compreendidas na época, levava à idéia de que a ação anestésica deve depender de uma depressão da respiração celular, idéia ESSA que não estava muito afastada das modernas concepções...” (NEVES, 2000, p. 505).

A sumarização de informações por meio do pronome *isso* apresenta-se ainda mais ocorrente em gêneros falados, em que, devido ao processamento *on-line* das conversações, o falante não dispõe de tempo para planejar a escolha de sintagmas nominais que rotulem mais apropriadamente o que se pretende encapsular. É o que acontece em (40):

- (40) “antigamente nós tínhamos conjuntos vocais... nós tínhamos conjunto voca::is... tínhamos conjuntos regioNAis... instrumenTAis coisa e tal né?... AGORA esse pagode pelo meno eu acho que {seja mais... questão de... profissionalis::mo né? ((buzina de bicicleta toca)) eles fazem isso mais por profissão né?” (D2-48 - PORCUFORT)

Se pusermos em cotejo (40) e (41), veremos que a seleção de uma forma nominal mais apropriada aos objetivos enunciativos demandaria maior elaboração e, conseqüentemente, mais tempo de planejamento:

- (41) “No primeiro movimento, a rasura resguardou e recolocou a informação numa ordem optativa livre – demonstração inequívoca de uma clara manipulação das opções da escritura. Realiza, assim, deslocamento de um termo em razão do acréscimo e do ordenamento da informação desejada. Mais abaixo, é a noção de paragrafação que entra em jogo. A mudança temporal do texto levou a criança a pensar sobre esta organização textual, feita mais uma vez através da rasura. O termo rasurado é colocado no início da oração seguinte.” (artigo científico)

A porção discursiva capturada pelo demonstrativo pode ser, às vezes, ainda mais ampla e inespecífica, como no exemplo seguinte:

- (42) “o menino detesta escola... então::... ele acor::da... e te pergunta do quarto dele se tem aula... se TEM aula (ele) diz: ‘DROga estou com sono quero dormir eu tenho dor disso dor daquilo’ ... agora dias que não tem aula ele pergunta e a resposta é negativa então ele diz para a irmã... ‘levanta que hoje não tem aula podemos brincar’ (...) isso com cinco anos (339-349)” (CASTILHO, 1993, p. 137)

Castilho (1993, p. 138) comenta que, no discurso falado, o neutro *isso* pode somar à sua função pró-sentencial um quê de modalização: “Pavani (1987) havia notado que alguns demonstrativos neutros têm a propriedade de funcionar como um repetidor asseverativo de toda uma afirmação anterior.” E cita exemplos como:

- (43) “L1 – certo e quem não arrisca não petisca, não é?
L2 - exatamente, né? então, vamos tentar:: () ver se conseguem
L1 – isso (633)” (CASTILHO, 1993, p.138)

Os demonstrativos *isto/isso* (e equivalentes) com função dêitico-discursiva podem, ainda, compor expressões coesivas seqüenciadoras,

como *além disso*, *neste sentido*, *por isso*, *apesar disso* etc. Assim utilizados, tais pronomes perdem não apenas em deiticidade, mas também em referencialidade, em privilégio de seu valor conectivo. Exemplos:

- (44) “Os resultados da análise revelam que a interação entre aluno e professor não se efetiva através da linguagem, porque o dizer é unilateral; as vozes que se ouvem são as já permitidas (...). Além disto, as respostas aos questionários (anáfora associativa ou inferencial?) confirmam que os alunos escrevem aquilo que o professor espera que escrevam...” (resumo acadêmico)
- (45) “Desta categoria fazem parte os pronomes lexicalmente vazios, aqueles que não oferecem pistas sintáticas e, por extensão, semânticas que conduzam à identificação do referente. Em vista disso, uma das características é a de não ter como referente um objeto especificado ou localizado, como revela o diálogo abaixo.” (artigo científico)

Por fim, levantamos a hipótese (para investigações futuras) de que a grande maioria dos empregos estilísticos do demonstrativo parece apenas acrescentar-se a outras motivações, sobretudo às do tempo/espaço físico real. Analisemos alguns exemplos fornecidos por Neves (2000, p. 505-506):

- (46) “Até o filho de Joana da Graça, AQUELE leproso todo inchado, estava ali perto, gritando e rebolando pelo chão.” (Cf. p. 505)
- (47) “E é ela... é ela, ESSA belezura toda, que vai entregá o prêmio pro grande vencedor desse grande rodeio de Treze Tílias.” (Cf. p. 505)
- (48) “Não permitirei que ESSA desavergonhada fique mais um só dia nesta casa.” (cf. p. 505)
- (49) “Qual. AQUILO é um boboca. Você deve abrir o olho é com Clarita.” (Cf. p. 506)

Ora usados em tom depreciativo, para fazer referência desairosa a uma pessoa, como em (46), (48) e (49); ora, ao contrário, introduzidos para enaltecer o objeto discursivo; ora utilizados para afirmações irônicas, como em (47), *este/esse* se opõem dicotomicamente a *aquela*, a nosso ver, na medida em que o pronome de terceira pessoa preserva o traço de distância temporal e espacial do momento de fala. A decisão de escolha do demonstrativo não advém, portanto, de razões estilísticas apenas, ou não principalmente por elas.

O valor pejorativo⁸ se intensifica ainda mais quando do emprego dos neutros, como em (49), que, por suas propriedades semânticas, se aplicariam normalmente a seres inanimados.

Assim, os traços de afetividade não são os únicos responsáveis pela transgressão às normas de uso do demonstrativo. Existem, como vimos, motivações concorrentes; vence a competição que mais atender aos propósitos do falante em contextos específicos.

4 Demonstrativos não-dêiticos e de baixa deiticidade

Algumas formas, embora conservem o poder de ostensão, não se descrevem pela característica típica dos demonstrativos - a relação com as pessoas do discurso -, e não se definem, conseqüentemente, pelo caráter dêítico. Não se enquadram, portanto, nem num sistema binário, nem num sistema ternário, porque não guardam oposição com nenhum outro elemento. Trata-se de *o*, *mesmo*, *próprio*, *tal* e *semelhante*, exemplificados respectivamente em:

- (50) “Em Sobral, norte do estado, a Grendene instalou uma fábrica de sandálias de plástico, o que injetou novo ciclo de prosperidade na região.” (carta ao leitor)
- (51) “O fascículo no. 2 ilumina trajetórias singularmente comoventes. (...) Outras histórias mostram que vencedores vocacionais serão lembrados por derrotas engrandecedoras. (...) O mesmo fascículo ensina que não é indispensável chegar ao pódio para alcançar a aura de herói.” (carta ao leitor)
- (52) “As várias denúncias que surgiram terminaram todas abafadas por iniciativa do próprio governo, diante da Nação estarecida.” (editorial de jornal)
- (53) “Assim foi feito: hoje ele deságua na área do Caça e Pesca, na Praia do Futuro, formando um pequenino estuário repleto de mangue onde pululam espécies da fauna marinha e costeira nordestina. Tal dinâmica natural não garantiu, no entanto, ao Cocó, nenhum espaço particular na história de Fortaleza antiga.” (artigo de opinião)
- (54) “É de chamar a atenção, neste contexto, o emprego do termo “facultativo” numa acepção puramente semântica, como é, de resto,

toda a análise feita pelo autor nesta obra. Semelhantes afirmações só reforçam a hipótese de que...” (artigo científico)

Pelo que se pode observar dos exemplos acima, esse grupo de demonstrativos não-déíticos não funciona no discurso de maneira homogênea. Enquanto *mesmo* e *próprio*, em (51) e (52), são “reforçadores de identidade” (Cf. NEVES, 2000, p. 492), *o*, *tal* e *semelhante* não se comportam do mesmo modo. Além disso, *mesmo* e *próprio* são plenamente dispensáveis ao processo de referenciação, ao passo que o pronome *o* é essencial. *Tal* e *semelhante*, por outro lado, são importantes refocalizadores, pois chamam a atenção do destinatário para a informação recuperada. Sob esse aspecto, por orientarem o foco de atenção comum dos interlocutores, na situação extralingüística, comportam algum grau de deiticidade, ao contrário do demonstrativo *o*, que apenas mantém a continuidade focal.

5 Considerações finais

Entendemos que um ensino produtivo dos demonstrativos em português deveria iniciar-se pela abertura do leque de possibilidades de uso desses pronomes nos mais diversificados contextos de produção. Faz-se necessário mostrar ao aluno as razões que conduzem o falante a seleções distintas, e salientar as alterações semânticas implicadas em cada escolha.

Exibir um quadro descritivo, fundado num contraste funcional ternário, e restringir-se a um conjunto de normas apoiadas nesse pressuposto falso é incorrer em dois grandes equívocos, pelo menos. O primeiro deles seria o de privar o aluno de refletir sobre as variadas regularidades de emprego dos demonstrativos em sua própria língua. O segundo seria o de proscrever certos usos legítimos, mas havidos como incorretos, ou porque não se consideram os contrastes reais entre as formas nos diferentes condicionamentos, ou porque se atribuem os “erros” à interferência dos traços de afetividade.

Notas

- 1 O projeto PORCUFORT (Português Oral Culto de Fortaleza) foi fruto de um antigo projeto correspondente ao NURC, em Fortaleza, organizado pelo professor José Lemos Monteiro, na Universidade Federal do Ceará. O acervo se encontra à disposição na UFC e na *homepage* de José Lemos Monteiro: <http://www.geocities.com/Paris/Cathedral/1036/>.

- 2 A localização inclui não somente espaço, mas também tempo. Passado, presente e futuro também se definem com relação ao ponto zero do falante. Seguindo a mesma distribuição exibida no quadro, as formas de primeira pessoa situam objetos no tempo presente; as de segunda, num passado ou futuro próximo do momento da enunciação; as de terceira, teoricamente, num passado ou futuro distante. Como mostraremos, este último uso é bastante restrito.
- 3 O projeto desenvolvido pelo Núcleo de Estudos Lingüísticos de Fala e Escrita (NELFE) é financiado pelo CNPq e vem sendo coordenado, atualmente, pelo Prof. Dr. Luiz Antônio Marcuschi, com a participação dos seguintes pesquisadores da Pós-Graduação em Lingüística da UFPE: Doris Carneiro da Cunha, Judith Chambliss Hoffnagel, além de Kazuê S. de Barros, da Universidade Federal do Rio Grande do Norte.
- 4 Vale conferir os exemplos de Neves (2000, p.500) com relação ao demonstrativo de primeira pessoa, que pode ser empregado numa projeção tanto para o passado quanto para o futuro: “*NESTE* mês deverão viajar para a Amazônia...”/ “O pior de tudo é que *NES- TES* quinze anos fomos privados de liberdade”.
- 5 A mesma idéia de envolvimento corporal pode estar presente com o uso de *esse*. O fato é reconhecido por Neves (2000, p.501), quando fornece o seguinte exemplo: “Doutor, tire *ESSE* guardanapo de cima de **mim**.” Evidentemente, recorrer ao emprego de este, como recurso expressivo, é algo facultativo.
- 6 Neves (2000; p. 507) lembra que o uso do demonstrativo feminino “AQUELA, seguido de **de+nome humano** refere-se a ‘anedota’, ‘piada’: Você conhece AQUELA do nordestino que ia passando na frente do restaurante? ‘Ah, quem me dera um pouquinho de farinha pra comer com esse cheirinho...’.” Supomos que, nestes casos, também reste uma pressuposição de distanciamento temporal.
- 7 Algumas vezes, para tornar a localização do referente ainda mais precisa, dadas as variadas motivações do demonstrativo, o falante lança mão do adjetivo *último*, como em: “São instrumentos como a rabeca, a viola dos cantadores e o marimbau (berimbau de lata ou de cabaça), este último percutido ou tocado com arco” (E040 - relatório técnico - NELFE)”.

- 8 É pertinente trazer aqui a observação de Neves (2000, p.507) de que o “demonstrativo feminino *ESSA* aparece em contextos em que poderia ser usado *isso* (= essa situação, esse fato, esse dito): Não entendi *ESSA* eu não entendi.”.
- 9 A afetividade nos demonstrativos pode dirigir-se tanto para o pólo negativo quanto para o positivo. Nas construções que indicam tipificação, isso fica muito claro. Exemplo de valor negativo: “Inf.10 por Obra... nem sei:: sei sei lá se são contratados... quer dizer... uns homens desse... têm gosto de trabalhar?” (D2-39 – PORCUFORT). Exemplo de valor positivo: então você vai recusar uma proposta dessa!

Referências

- APOTHÉLOZ, Denis. *Rôle et fonctionnement de l'anaphore dans la dynamique textuelle*, 1995. Tese (Doutorado) - Université de Neuchâtel., 1995.
- BECHARA, Evanildo. *Moderna gramática portuguesa*. 37. ed. Rio de Janeiro: Editora Lucerna, 1999. p. 406-61.
- BENVENISTE, Émile. *Problemas de lingüística geral*. 2. ed. Tradução de Maria G. Novak; Maria L. Neri. Campinas: Pontes, 1988. 2v. Título original: *Problèmes de linguistique générale*.
- BUENO, Francisco da Silveira. *Nosso idioma – gramática normativa da língua portuguesa*. São Paulo: ed. Meca, [19--]..
- CÂMARA Jr., Joaquim Mattoso. *Dispersos*. Rio de Janeiro: FGV, 1975.
- CASTILHO, Ataliba Teixeira. Os mostrativos no português falado. In: _____. (org.). *Gramática do português falado*. Campinas, SP: Editora da Unicamp/FAPESP, 1993. v. III. p. 119-45.
- CAVALCANTE, Mônica Magalhães. *Expressões indiciais em contexto: por uma caracterização dos dêiticos discursivos*. 2000, 205f. Tese (Doutorado em Lingüística) – Universidade Federal de Pernambuco, Pernambuco, 2000.
- CEGALLA, Domingos Paschoal. *Novíssima gramática da língua portuguesa*. 26. ed. São Paulo: Editora Nacional, 1985.
- CUNHA, Celso; CINTRA, Lindley. *Nova gramática do português contemporâneo*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1985.

DUCROT, Oswald. *Princípios de semântica lingüística – dizer e não dizer*. Tradução de Carlos Vogt; Rodolfo Ilari; Rosa A. Figueira. São Paulo: Cultrix, 1977. Título original: *Dire et ne pas dire: principes de sémantique linguistique*.

FILLMORE, Charles. *Lectures on deixis*. California: CSLI Publications, 1997.

JUNGBLUTH, Konstanze. *Binary and ternary deictic systems in speech and writing - evidence from the use of demonstratives in Spanish*. PhiN (Philologie im Netz), 2000. /Referência incompleta: Temporal Internet Files\Content IE5\05438DYV\P15tl. htm./

LIMA, Carlos Henrique da Rocha. *Gramática normativa da língua portuguesa*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1973.

LUFT, Celso Pedro. *Moderna gramática brasileira*. 6 ed. Rio de Janeiro: Globo, 1974.

LYONS, John. *Semantics*. London: Cambridge University Press, 1977. 2v.

MARCUSCHI, Luiz Antônio. A dêixis discursiva como estratégia de monitoração cognitiva. In: KOCH, Ingedore G.V.; BARROS, Kazuê S.M. (Orgs.). *Tópicos em lingüística de texto e análise da conversação*. Natal: EDUFRN, 1997. p. 156-71.

NEVES, Maria Helena Moura. *Gramática de usos do português*. São Paulo: Editora UNESP, 2000.

Demonstrative and its Uses

El demostrativo y sus usos

Abstract

This work recommends that instead of prescriptive rules, the focus of the teaching of demonstrative pronouns should be the functionality of their various uses. We will discuss that, regardless the deictic field, in which the showing is established, the opposition in Portuguese is generally binary, not ternary, deviating from what is found in descriptive schemes in the traditional grammar. In parallel, we will argue that the selection is determined of different, concurrent motivations, which also contributes to apparent fluctuation in the rules of use.

Key words

- Portuguese language- demonstratives;
- Binary system;
- Demonstratives.

Resumen

Este trabajo sugiere que la enseñanza de los demostrativos deje de centrarse en normas prescriptivas y se oriente para la funcionalidad de los variados empleos de esos pronombres. Discutiremos que, no importa el campo deítico en que se establece la demostración, la oposición en Portugués, cuando ocurre, no es ternaria, y sí generalmente binaria, a pesar de lo que consta en el esquema de descripción de las gramáticas tradicionales. Paralelamente, argumentaremos que la selección es determinada por motivaciones diferentes y concurrentes, lo que repercute en la aparente fluctuación de las normas de uso.

Palabras clave

- Lengua portuguesa -demostrativos;
- Sistema binário;
- Demonstrativos.

Recebido em:05/04/2001

Aprovado em:31/06/2001